

THE CONSTRUCTION OF IDENTITIES OF SCIENCE IN *GALILEU* MAGAZINE

Natália Martins Flores

(Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/PPGCOM-
UFSM. E-mail: nataliflores@gmail.com)

Ada Cristina Machado da Silveira

(Professor Associado da Universidade Federal de Santa Maria e do
Programa de Pós-graduação em Comunicação UFSM. E-mail:
ada.machado@pq.cnpq.br)

Palavras-chave: Identidade de ciência; Jornalismo; Discurso.

Key-words: Identity of science. Journalism. Discourse.

Esta pesquisa trata do tema da construção da identidade da ciência na revista *Galileu*. Ela se justifica no mundo mediatizado, no qual a construção de representações do real serve como referência para a sociedade. A midiatização produz percepções e costumes coletivos e é por meio dela que se investem valores e normas que mobilizam a consciência individual e coletiva (SODRÉ, 2002). Giddens (2002) afirma que a mídia tem poder de produzir sensações de inversão da realidade, o que faz com que a sua representação do objeto pareça ter uma existência mais concreta do que o objeto real. A questão da identidade construída pela mídia, então, torna-se central ao influir no modo como os sujeitos sociais representam o mundo. Essa questão vai de encontro à afirmação de Gomes, Holzach e Taveira (2003), de que as identidades midiáticas podem criar ou reforçar estereótipos. Para Orlandi (1998), as identidades se constroem por meio de processos lingüísticos e discursos. Silveira (2007) ressalta que a mídia é o agente constitutivo da identidade cultural, a qual é propriedade discursiva comum a qualquer voz e não simplesmente de um produto cultural determinado. A identidade aparece nas diferentes vozes de acordo com a historicidade de suas formações discursivas. Nesta perspectiva, o objetivo desta pesquisa é entender como acontece a construção da identidade da ciência na revista *Galileu*. Nossas questões apontam para a indagação se diferentes vozes discursivas se fazem presentes na configuração da identidade de ciência na revista e

quais são elas. Além disso, indagamos se o discurso da revista proporciona a construção de uma só ou de várias identidades da ciência.

A investigação deteve-se na análise de um corpus de reportagens de capa da revista *Galileu* de abril a agosto de 2010. Ela se orientou pela Análise de Discurso com especial atenção ao conceito de polifonia, de Bakhtin (1997) e Ducrot (1987) e suscitou a localização das vozes que se interpõem no discurso da revista, e que conformam a identidade atribuída à ciência pela publicação. Após, relacionamos essas vozes ao conceito de formação discursiva de Foucault (1972).

1. Resultados e discussão

Identificaram-se sete vozes que se sobrepõem no discurso da revista, enumeradas a seguir: voz do futuro, voz realista, voz cultural tradicionalista, voz da biologia, voz da ciência e inovação, voz construtivista e voz do senso comum. Estas vozes se relacionam com formações discursivas específicas e se articulam em duas posições de enunciação: uma posição que coloca a ciência como a solução racional para os males da humanidade (modernidade) e outra que aborda a ciência como apenas uma das soluções para os problemas humanos (pós-modernidade).

1.1. A formação discursiva da modernidade

A formação discursiva da modernidade se refere à posição de enunciação que assume a ciência como solução dos problemas humanos. Essa formação instituiu-se na época moderna em que há a emergência da racionalidade da ciência. Conforme nossa análise, essa formação discursiva é encontrada na revista nas vozes do futuro, da biologia e da ciência e inovação.

A voz do futuro entende a ciência como detentora de predições sobre como a vida do homem contemporâneo será no futuro. Essa concepção de que a ciência controla a natureza por meio de seus métodos é característica da modernidade, na qual se alterou a relação do homem

com o mundo, passando a ser um sistema possível de ser captado por leis científicas (JAPIASSÚ, 1982).

A voz da biologia filia-se a explicações do eixo biológico da ciência (JAPIASSÚ, 1982), o qual converte o ser humano em uma regulação biológica interna que faz com que dados da superfície, como a cultura, percam seu valor na determinação das ações do homem.

Por último, a voz da ciência e inovação entende a ciência como instrumento técnico que visa principalmente atingir objetivos tecnológicos e pretende tirar o máximo de proveito da natureza (FLORIANI, 2000).

1.2. A formação discursiva da pós-modernidade

A segunda posição de enunciação se refere à falência do projeto de modernidade, no início do século XX. Nesta época, a ciência passou a ser vista como apenas uma de tantas soluções para os problemas sociais. Essa formação discursiva aparece no *corpus* nas seguintes vozes: voz realista, voz cultural tradicionalista, voz construtivista e voz do senso comum.

A voz realista se refere à ciência como uma aliada para o encontro das soluções. Assim, ela não surge mais como verdade absoluta, mas como um conhecimento relativo que forneceria algumas respostas para a humanidade.

A voz cultural tradicionalista contrapõe as descobertas científicas com elementos da tradição, cultura e história humana. As respostas da ciência não adquirem sentido prático ao propor soluções que sejam contra tradições da nossa cultura.

Relacionada à concepção pós-moderna de ciência, a voz construtivista entende a atividade como um discurso que não revela a realidade, mas sim que se constrói por meio de proposições ditas objetivas (CORACINI, 1991).

Por fim, a última voz encontrada no *corpus* é a voz do senso comum, a qual se refere a conhecimentos produzidos pela sociedade. Esses alcançam a mesma veracidade que o saber científico, o que a

remete ao período pós-moderno e sua concepção de ciência como aliada a outros saberes socialmente reconhecidos.

Considerações Finais

A presença das duas formações discursivas na conformação da identidade de ciência aponta para a produção de um discurso polifônico da revista *Galileu*. Além de trazer as vozes da ciência como resposta absoluta, essas são confrontadas com pontos de vista ligados à cultura e à tradição, bem como ao senso comum da sociedade. Numa mescla de positividade e cautela diante da atividade científica, o discurso da revista constrói identidades diversas relacionadas ao universo moderno e pós-moderno da ciência.

4. Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

CORACINI, M. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: EDUSC, 1991.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FLORIANI, D. Diálogos interdisciplinares para uma agenda socioambiental, *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Paraná, n.1, p.21-39, jan/jun. 2000.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*. São Paulo: Vozes, 1972.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, I.; HOLZBACH, A.; TAVEIRA, M. Mídia impressa e construção da identidade de ciência. In: SILVEIRA, A. (Org). *Divulgação científica e TICs*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003. 256p. p.216-237

JAPIASSÚ, H. *Nascimento e morte das Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1982.

ORLANDI, E. Identidade lingüística escolar. In: SIGNORINI, I. (Org) Língua(gem) e identidade. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 1998. p.203-212.

SILVEIRA, A. Mídia e discursividade. O concerto polifônico das fronteiras brasileiras. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais... , 29 de agosto a 2 de setembro, Santos, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0686-1.pdf>

SODRÉ, M. *Antropológica do Espelho*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.